

Mundo



APÓS DEIXAR O CARGO NA ARGENTINA
Fernández é denunciado pelo MP
 Ex-presidente foi acusado de desvio de dinheiro e prevaricação



CONFLITO NO ORIENTE MÉDIO

DISPAROS E CAOS MORTAL

Hamas acusa Israel, que nega, de atacar multidão em busca de comida e causar mais de 100 mortes



Trágica incessante. Pa estinos observam no Hospital al-Shifa, na Cidade de Gaza, corpos de pessoas mortas em incidente com um comboio de distribuição de ajuda humanitária no território

IMAGEM DE GAZA: JERUSALEM

Autoridades palestinas acusaram militares de Israel de matarem e causarem a morte de mais de cem pessoas ao abrir fogo em meio a uma entrega caótica de ajuda humanitária na Faixa de Gaza na madrugada de ontem, em um incidente confuso que levou à condenação internacional e um pedido de investigação dos EUA e da ONU. Segundo o Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo grupo terrorista Hamas, ao menos 112 pessoas morreram e 760 ficaram feridas. Israel nega que suas tropas tenham atirado na multidão que buscava ajuda e diz que apenas tiros de alerta foram disparados. Segundo a versão israelense, as mortes decorreram do pânico causado pelos atropelamentos das pessoas pelos caminhões em fuga diante da tentativa de saque e dos pistoleiros.

O presidente americano, Joe Biden, alertou que o epi-

sódio deve complicar os esforços por um cessar-fogo para o conflito de quase cinco meses que estão em andamento. À mesma advertência foi feita pelo Hamas.

FERIDOS A BALA

Testemunhas e sobreviventes disseram que disparos atingiram multidões em caminhões de ajuda humanitária, e Mohammed Salha, diretor interino do Hospital al-Awda, que tratou 161 pessoas, afirmou ao jornal britânico The Guardian que a maioria delas parece ter sido atingida por tiros. Já Husam Abu Safiya, diretor do Hospital Kamal Adwan, afirmou ao New York Times que cerca de cem pessoas foram feridas e a bala chegou à sua instituição.

O presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP), Mahmoud Abbas, que controla a parte da Cisjordânia ocupada, descreveu o incidente como um "massacre horrível conduzido pela ocupação israelense contra pessoas que esperavam caminhões de ajuda".

—[Os soldados dispararam] apenas em face do perigo, quando a multidão se moveu de uma forma que os pôs em risco — afirmou. — Apesar das acusações, não disparamos contra aqueles que buscavam ajuda humanitária (...) nem no comboio, por terra ou ar.

Segundo Hagari, as Forças Armadas coordenavam um comboio com 38 caminhões com ajuda humanitária vindo do Egito, prevista para ser distribuída por prestadores de serviço privados após entrada no território pela passagem de Kerem Shalom.

COMENDO RAÇÃO ANIMAL

No comunicado, o Exército afirmou que quando o comboio chegou ao entroncamento na Cidade de Gaza, "residentes cercaram os caminhões para saquear os suprimentos que eram entregues. Como resultado do empurrão-empurrão, pisoteamen-

to e atropelamento pelos veículos, dezenas de palestinos foram mortos e feridos".

À Reuters, uma fonte israelense afirmou, previamente ao comunicado do Exército, que as tropas de Israel abriram fogo contra "várias pessoas" que cercaram o comboio porque se sentiram ameaçadas.

Testemunhas relataram à AFP que viram milhares de pessoas correndo na direção dos caminhões de ajuda humanitária que se aproximavam. Uma pessoa afirmou que os veículos com as doações chegaram "muito perto de alguns tanques do Exército israelense que estavam na área, e milhares de pessoas simplesmente avançaram sobre os caminhões". Nesse momento, afirmou, "os soldados dispararam contra a multidão".

Kamel Abu Nabel disse à Associated Press que foi ao ponto de distribuição de ajuda no meio da noite porque esperava obter alimentos depois de dois

meses comendo ração animal. Segundo ele, depois que uma multidão se reuniu após a chegada dos caminhões, os soldados israelenses abriram fogo, fazendo as pessoas buscarem abrigo. Quando os disparos cessaram, elas retornaram, mas os soldados abriram fogo novamente, e Abu Nabel foi baleado na perna e atropelado por um caminhão que se afastava em alta velocidade.

O ministro da Segurança Interna de Israel, Itamar Ben-Gvir, um dos expoentes da extrema-direita do Gabinete do premier Benjamin Netanyahu, elogiou a ação dos soldados israelenses e defendeu o fim da ajuda humanitária a Gaza, onde a ONU estima que 2,2 milhões de pessoas — quase toda a população do enclave — estejam ameaçadas pela fome. Em post na rede social X (antigo Twitter), Ben-Gvir considerou "excelente" a atuação dos soldados "contra uma multidão de Gaza que tentou prejudicá-los" e tachou de "loucura" a "transferência de ajuda humanitária" enquanto houver reféns em Gaza, que estaria sendo "em perigo os soldados". Segundo ele, a ajuda serve para "dar oxigênio ao Hamas". Ben-Gvir defende a reocupação de Gaza por Israel após a guerra e a "emigração voluntária" da população.

'PESSOAS ESTÃO FAMINTAS'

Os EUA exigiram de Israel ontem "resposta" sobre o incidente e declararam que ele mostra que a situação é "incredivelmente desesperadora" em Gaza, onde a ONU alerta para os riscos de fome.

—As pessoas estão cercadas desses caminhões porque estão famintas, porque precisam de comida, porque precisam de remédios e outras assistências. E isso mostra que precisamos fazer mais para levar ajuda humanitária — disse a jornalista e porta-voz do Departamento de Estado, Matthew Miller.

O secretário-geral da ONU, António Guterres, condenou as mortes e citou a situação desesperadora de centenas de milhares de civis em Gaza.

Mortos em Gaza chegam a 30 mil desde início da guerra

Conflito é o mais letal dos cinco já ocorridos entre Israel e o Hamas; cerca de 70% das vítimas mortais são mulheres e menores

IMAGEM DE GAZA

Mais de 30 mil pessoas morreram na Faixa de Gaza desde o início da guerra entre Israel e o grupo terrorista Hamas, em outubro, anunciou ontem o Ministério da Saúde local antes do episódio na Cidade de Gaza. A guerra atual já é a mais mortal das cinco que colocaram Israel contra o Hamas, superando o número de 2014, quando

2.250 palestinos morreram. Essas inúmeras "trágédias" e "sofrimentos" terão consequências desastrosas para os palestinos por "gerações", disse à AFP Ahmed Orabi, professor de Ciências Políticas da Universidade de Gaza.

Iman Musallam, uma pessoa deslocada pelo conflito, acha difícil entender que tantos tenham perdido a vida em quase cinco meses, embora admita que, na realidade, há

já muito mais tudo indica que várias pessoas estejam enterradas sob os escombros dos bombardeios israelenses.

— Não sabemos quantos mortos haverá [no final da guerra] — disse a professora de 30 anos, que se alojou em um prédio da ONU transformado em abrigos em Rafah, no extremo sul da Faixa.

Segundo dados do Ministério da Saúde palestino, controlado pelo Hamas, 79 pessoas morreram em ata-

ques durante a madrugada, elevando o número de mortos para 30.035, além dos 70.457 feridos desde o início do conflito. Cerca de 70% dos mortos seriam mulheres e menores.

Em Gaza, os cemitérios estão lotados e não há mais sacos suficientes para embalar os corpos. Os moradores enterram seus mortos da melhor forma que podem. Um fazendeiro enterrou seus três irmãos e cinco filhos em seu

pomar de frutas cítricas; em outro lugar, as pessoas cavaram uma vala comum em um campo de futebol.

Mais de 70% dos 2,2 milhões de habitantes de Gaza foram deslocados pela guerra e a população está ameaçada pela fome, segundo a ONU. Assim como muitos líderes internacionais, a organização agora teme uma carnificina em Rafah, onde Israel quer concluir sua ofensiva terrestre contra o Hamas. Há

cerca de 1,5 milhão de pessoas na área, 80% delas deslocadas pela guerra.

O conflito foi desencadeado em 7 de outubro, quando terroristas invadiram o sul de Israel, mataram quase 1.200, a maioria civil, e sequestraram cerca de 240. Em retaliação, Israel lançou uma grande ofensiva aérea e terrestre contra o território palestino.

Embora o Hamas não divulgue o número de mortos entre seus combatentes, o Exército de Israel estima que sejam 10 mil, enquanto 240 soldados israelenses teriam morrido na ofensiva. As baixas civis também incluem jornalistas: pelo menos 88 profissionais foram mortos.